

RIASE

REVISTA IBERO-AMERICANA DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO
REVISTA IBERO-AMERICANA DE SALUD Y ENVEJECIMIENTO

IDENTIDADES E METAMORFOSES
VELHAS E NOVAS IDENTIDADES

IDENTIDADES Y METAMORFOSIS
VELAS Y NUEVAS IDENTIDADES

IDENTITIES AND METAMORPHOSES
OLD AND NEW IDENTITIES

Olívia Engenheiro - Enfermeira Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria no Hospital do Espírito Santo de Évora

Rosalina Costa - Professora Orientadora. Doutorada em Ciências Sociais. Universidade de Évora e CEPESE

RESUMO

Objetivo: Identificar e analisar em contexto sociológico, os principais eixos temáticos da obra literária escrita por Kafka “A Metamorfose”.

Metodologia: Recorreu-se aos princípios do estudo descritivo exploratório. As etapas da recolha incluíram a pesquisa bibliográfica direcionada de acordo com a procura. Foi realizada uma abordagem do método qualitativo de análise de conteúdo que recaiu sobre a narrativa escrita, estilos de linguagem e intenções. Após a leitura da obra na íntegra procedeu-se à caracterização dos personagens principais e analisados os principais eixos temáticos: a família numa sociedade em mudança; a sociedade e a crise de identidade; o trabalho como produtor e produto de identidades; crise de identidade e violência doméstica – negligência emocional.

Resultados: As reflexões incluídas no ensaio permitem sustentar o papel da arte e da socialização enquanto processos de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulados por emoções, relações de poder e projetos identitários, numa dinâmica entre os organismos biológicos e os contextos socioculturais.

Conclusões: A obra permanece atual porque analisa temas característicos do homem pós-moderno, como a crise de identidade, o vazio existencial, a superficialidade das relações humanas, a desesperança do ser, o pessimismo, a ausência de resposta, a solidão, a impotência e a fuga.

Descritores: Identidades; metamorfoses; trabalho; família; socialização.

RESUMEN

Objetivo: Identificar y analizar en contexto sociológico, los principales ejes temáticos de la obra literaria escrita por Kafka “La Metamorfosis”.

Metodología: Se ha recurrido a los principios del estudio descriptivo exploratorio. Las etapas de la recogida incluyeron la investigación bibliográfica dirigida de acuerdo con la demanda. Se realizó un abordaje del método cualitativo de análisis de contenido que recayó sobre la narrativa escrita, estilos de lenguaje e intenciones. Después de la lectura de la obra en su totalidad se procedió a la caracterización de los personajes principales y analizamos los principales ejes temáticos: la familia en una sociedad cambiante; la sociedad y la crisis de identidad; el trabajo como productor y producto de identidades; crisis de identidad y violencia doméstica - negligencia emocional.

Resultados: Las reflexiones incluidas en el ensayo permiten sostener el papel del arte y de la socialización como procesos de constitución de los individuos y de las sociedades, a

través de las interacciones, actividades y prácticas sociales, reguladas por emociones, relaciones de poder y proyectos identitarios, en una dinámica entre los organismos biológicos y los contextos socioculturales.

Conclusiones: La obra permanece presente porque analiza temas característicos del hombre posmoderno, como la crisis de identidad, el vacío existencial, la superficialidad de las relaciones humanas, la desesperanza del ser, el pesimismo, la ausencia de respuesta, la soledad, la impotencia y la fuga.

Descriptores: Identidades; metamorfosis; trabajo; familia; socialización.

ABSTRACT

Objective: Identify and analyze in sociological context, the main thematic axes of the literary work written by Kafka "The Metamorphosis".

Methods: The principles of an exploratory descriptive study were used. The steps of the collection included the bibliographical research directed according to the demand. An approach of the qualitative method of content analysis was carried out that fell on written narrative, language styles and intentions. After reading the entire work, the main characters were characterized and analyzed the main thematic axes: the family in a changing society; society and the crisis of identity; work as a producer and product of identities; identity crisis and domestic violence - emotional neglect.

Results: The reflections included in the essay allow us to sustain the role of art and socialization as processes of constitution of individuals and societies, through social interactions, activities and practices, regulated by emotions, power relations and identity projects, in a dynamic between biological organisms and socio-cultural contexts.

Conclusions: The work remains current because it analyzes characteristic themes of post-modern man, such as identity crisis, existential emptiness, superficiality of human relations, hopelessness of being, pessimism, lack of response, loneliness, impotence and escape.

Descriptors: Identities; metamorphoses; job; family; socialization.

INTRODUÇÃO

Em contexto académico foi proposto a elaboração de um ensaio teórico que fundamentasse uma leitura crítica sociológica de uma expressão de cultura. A escolha recaiu na obra literária escrita por Kafka “A Metamorfose” porque foi um livro que me marcou pela análise inquietante da condição humana. Conseguiu afetar-me a nível interno como um desastre e ser o machado para o mar congelado dentro de mim⁽¹⁾.

Não é novidade que a arte é uma das mais puras formas de expressão da realidade humana. Segundo Fischer⁽²⁾ desde a pré-história, que a humanidade tem manifestado através desse meio os seus medos, anseios e dúvidas seja por meio de mitos, lendas, metáforas, narrativas, de cânticos, seja por esculturas ou pinturas, o ser humano utiliza linguagem simbólica para expressar a sua realidade concreta e subjetiva. Nele, vemos um retrato de nós mesmos, um espelho em que podemos refletir sobre o eco de nossas próprias vidas, da nossa existência e da nossa história enquanto indivíduos, sujeitos e humanos que ao se relacionarem, promovem um processo dinâmico de ligação e integração⁽²⁾. O mesmo autor adita ainda que arte é conhecimento e o seu valor está nas várias representações simbólicas do mundo humano. Sendo a literatura considerada a sexta arte, não é um fenómeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da “inspiração” do autor. Ela é criada dentro de um contexto histórico, social, cultural e político concreto, no qual está englobada a língua, o país e a época onde se pensa, sente e age, de determinada forma, carregando em si as marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores. A função essencial da arte é a de fazer esclarecer e incitar a ação, sendo necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e transformar o mundo em que vive⁽²⁾.

Nesse sentido objetivou-se para este ensaio identificar e analisar os principais eixos temáticos, da obra literária “A Metamorfose”.

METODOLOGIA

Recorreu-se aos princípios do estudo descritivo exploratório. As etapas da recolha incluíram a pesquisa bibliográfica direcionada de acordo com a procura e objetivo do estudo. A análise incidiu sobre a narrativa escrita, estilos de linguagem e intenções. Deste modo foi realizada uma abordagem do método qualitativo de análise de conteúdo. Bardin⁽³⁾ configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações,

que utiliza procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens. Contudo este conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica e atualmente a análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos das figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto das revelações⁽⁴⁾. Seguindo as orientações destes autores, foram caracterizados os personagens principais e analisados os principais eixos temáticos:

- A família numa sociedade em mudança;
- A sociedade e a crise de identidade;
- O trabalho como produtor e produto de identidades;
- Crise de identidade e violência doméstica – negligência emocional.

Reflexão e análise

A obra foi escrita em 1912, dois anos antes do início da Primeira Guerra Mundial. O clima de agonia e pessimismo mantido por Kafka reflete o cenário mundial da época em que foi escrita, designada por *Belle Époque*, período marcado por transformações culturais que influenciaram o modo como as pessoas viviam e pensavam.

A obra enquadra-se como exemplo concreto da concepção da produção literária como reflexo do contexto social da época. Relaciona-se com a vertente social do protagonista Gregor no qual o leitor percebe a crítica aos valores da sociedade capitalista, da família e a situação do homem oprimido e excluído. Desenvolve-se num mundo de pesadelo, em que predomina a solidão do indivíduo, indefeso diante do poder... O escritor consegue, através de metáforas, contextualizar a condição humana e os dramas psíquicos da sociedade da época.

A identificação com a narrativa, as personagens, a reflexão sobre a própria condição de vida, ou seja viver a obra e compreender o real é possível ao leitor refletir e elaborar a sua própria identidade e proporcionar metamorfoses/transformações através da arte.

Segundo Berger, Luckmann⁽⁵⁾, a socialização primária é vivida na infância e a socialização secundária é qualquer processo posterior que introduza um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Deste modo é destacada a influência que a leitura exerce sobre nós nos processos de socialização.

Gregor Samsa (personagem central) um caixeiro-viajante que deixou de ter vida própria para suportar financeiramente todas as despesas da família. Vive com um pai aposentado, com baixa autoestima, opressor e distante, com quem tem uma relação complicada, uma mãe asmática e submissa e uma irmã (Grete) de 17 anos, que ele venerava, inteligente, tocava violino, afetivamente mais próxima, mas que com o desenrolar da história vai também sentir medo e repulsa pelo protagonista.

A obra é dividida em três partes. Na primeira parte, acompanhamos um Gregor, recém metamorfoseado e observamos a maneira como é recebido por sua família em sua nova forma. Na segunda parte, assistimos ao cotidiano de um Gregor isolado e rejeitado. Já na terceira e última parte, observamos o fim de um Gregor fragilizado física e psicologicamente.

Contrariando as regras ditadas por Aristóteles na sua obra “A Poética” (teoria do início, meio e fim, onde no início aconteceria a introdução da história e dos personagens), “A Metamorfose” já começa pelo final, mostrando a intenção do autor em romper com normas e convenções da sociedade, conforme pode ser conferido logo na primeira frase do livro: “ Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa, deu por si na cama transformado num gigantesco insecto”⁽¹⁾. Depois desse começo abrupto, a história desenvolve-se em torno das mudanças de comportamento que Gregor observa em si e na sua família.

A família numa sociedade em mudança

Quando falamos em família referimo-nos ao conjunto de pessoas que detêm entre si laços de sangue ou de aliança que se estabelecem pelo casamento e filiação⁶. O tipo de família retratado no texto é a família nuclear. Gregor vive com os pais e a irmã. As referidas autoras designam “família nuclear” a um tipo específico de agregado doméstico, formado por um casal heterossexual, casado ou em união de facto, a viver com um ou mais filhos. Não sendo predominante em termos estatísticos, assume o centro das representações mais comuns de família.

A família analisada, quanto às formas de conjugalidade insere-se na forma de conjugalidade institucional estando associada a uma visão do casamento como instituição, que importa preservar acima de tudo⁽⁷⁾, acima da felicidade de cada indivíduo. O casamento e a família implicam o cumprimento de papéis, responsabilidades e deveres que se impõem ao indivíduo. O pai assume um papel autoritário, que sai de casa para comprar o jornal e a mãe submissa sem voz nem vontade própria, vive os dias dentro de casa. Existe uma clara diferenciação dos papéis sexuais (instrumental e expressivo) existindo uma forte assimetria entre eles, ocupando também posições específicas no espaço social e na dinâmica das gerações. Os fatores ideológicos e os religiosos podem contribuir para esta representação mais institucionalizada do casamento^(7,8). Em relação aos tipos de centramento ou seja à identificação das diferentes modalidades de investimento, na vida conjugal, na família, no trabalho e no lazer, pela descrição da narrativa tornou-se evidente a pouca importância dada pelo pai à relação conjugal em relação à mãe. O investimento parental é reduzido independente do género. Gregor raras vezes saía com o resto da família, “um ou dois domingos por ano, nas férias” chegando mesmo a verbalizar que “não era o pai que imaginara, sempre irado e exultante” e pergunta-se “seria aquele realmente o meu pai?”⁽¹⁾. Giddens⁽⁹⁾

afirma que o investimento nas relações e funções conjugais, na relação entre pais e filhos ou com outros familiares está relacionado, de modo significativo com o maior ou menor grau de coesão entre os membros da família. O pequeno excerto da obra que se segue é um bom exemplo do distanciamento afetivo da mãe, demonstrando não o compreender.

“O rapaz não pensa se não no emprego. Quase me zango com a mania que ele tem de nunca sair à noite; já está na cidade há uma semana, mas fica sempre em casa todas as noites. Senta-se connosco na cozinha, muito sossegado, a ler o jornal ou a consultar horários dos comboios. O único divertimento dele é cortar madeira. Passou duas ou três noites a cortar uma moldurazinha de madeira”⁽¹⁾.

Segundo Segalen⁽¹⁰⁾ a estrutura do grupo doméstico, é mais interessante pois é reveladora de uma certa forma de organização que regula a transmissão das práticas e dos valores culturais, que articula família e trabalho, família e poder, família e haveres.

A família é considerada como sendo o primeiro grupo humano organizado e como unidade-base da sociedade. Daí a importância que no passado e no presente se tem dado à família e às mudanças que a têm caracterizado na sua estrutura, nas relações dentro e fora dela, com influências recíprocas na mudança⁽¹¹⁾.

As mudanças são sentidas pelos indivíduos ao longo da vida e pelas sucessivas gerações, inseridas em contextos sociais, históricos e políticos⁽⁶⁾. Embora considerada uma das instituições mais persistentes no tempo, a mudança social reflete-se amplamente na família, arrastando-a desde os processos da industrialização e urbanização para novas realidades, às quais tem procurado adaptar-se⁽¹²⁾. Historicamente, a família é um produto da sociedade portanto, está estreitamente ligada à sua mudança. Do ponto de vista sociológico, a instituição familiar aparece caracterizada por dois fenómenos particulares: a persistência e a transformação⁽¹²⁾, elementos que mudam e elementos que persistem. Porém, e dada a visibilidade que a família assume na sociedade, também esta procura ajustar as instituições às exigências e necessidades da família. Deste modo poderemos falar de influências recíprocas, entre a família e a sociedade em que a velocidade imprimida à mudança está ligada aos diversos fatores económicos, sociais, culturais e tecnológicos. A mudança poderá ser entendida como um fator de desenvolvimento, de difusão de novas ideias e concepções, que podem ser políticas e religiosas, com influência na sociedade e em particular nas pessoas, nas suas relações interpessoais, e familiares, nos grupos sociais e nas organizações, tornando-se positivo ou negativo para o conjunto global da sociedade.

A família sofreu as mudanças da sociedade, procurando adaptar-se e estruturar-se em função das novas realidades e dos novos problemas. Em paralelo a sociedade procurou estruturar e adaptar as suas funções, respondendo às novas realidades tanto estruturais como

funcionais da família, ou seja às novas formas de encarar a conjugalidade e o lugar dos filhos, assumindo a criança um papel de relevo sendo alvo de investimentos elevados no plano dos afetos, do bem estar-material e na esfera da educação⁽⁶⁾.

A família de hoje é entendida como um espaço em que os seus diversos elementos podem encontrar a compreensão e ajuda necessárias à manutenção de uma vida emocional e afetiva estável⁽¹³⁾. A família cada vez mais assume uma dimensão identificadora, ocupando um lugar central na vida de cada um dos seus elementos e permitindo que o indivíduo se reconheça no(s) outro(s) significativo(s), desenvolvendo as suas capacidades pessoais, abrindo deste modo o caminho para a construção de uma identidade individualizada⁽¹⁴⁾. A família da obra analisada nunca foi representada como um local de estabilidade, de afeição, ou seja um marco na construção de identidades individuais. Não permitiu a Gregor a construção da sua identidade, tendo que abdicar de ser quem era (ou poderia ter sido) para se dedicar somente ao trabalho, que satisfazia apenas as necessidades financeiras do agregado familiar.

A sociedade e a crise de identidade

As sociedades ao longo dos tempos passaram por mudanças estruturais que as transformaram. Essas transformações imprimiram também mudanças nas nossas identidades pessoais e sociais fragilizando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Para Hall⁽¹⁵⁾ a identidade não é algo estático, mas sim dotada de mobilidade, portanto formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Muito se tem falado de identidade e “crise de identidade” fruto das constantes mutações sociais e culturais. Segundo o autor esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento/descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constituem uma “crise de identidade” para o indivíduo. “A identidade somente se torna numa questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”⁽¹⁶⁾.

No mundo moderno marcado por múltiplas influências, tendemos a assumir identidades variadas de acordo com o momento. As identidades são construídas a partir da influência das nossas experiências sociais quotidianas. Como as experiências se dão num fluxo contínuo, a nossa identidade está em constante “metamorfose”⁽¹⁵⁾. O sujeito assume identidades diferentes em diversos momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cómoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora

“narrativa do eu”⁽¹⁵⁾. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente será assim uma fantasia. Somos continuamente confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais nos poderíamos identificar pelo menos temporariamente.

O sociólogo Bauman⁽¹⁷⁾ corrobora afirmando que vivenciamos um período de grande fluidez, marcado por rápidas mutações. Se a identidade é formada pelos contatos sociais que temos e estes têm sido cada dia mais superficiais e transitórios, conseqüentemente estamos sujeitos a sermos influenciados na nossa forma de pensar e agir, metamorfoseando a nossa identidade. Kafka dá a entender exatamente isso quando dando a voz a Gregor nos conta na primeira pessoa os tipos de relacionamento que tinha, “conhecimentos casuais, que são sempre novos e nunca se tornam amigos íntimos”. Não tinha ligações afetivas como poderemos ver no trecho abaixo:

“Estava pendurada a fotografia que recentemente recortara de uma revista ilustrada e colocara numa bonita moldura dourada. Mostrava uma senhora, de chapéu e estola de peles, rigidamente sentada, a estender ao observador um enorme regalo de peles, cobrindo o seu antebraço!”⁽¹⁾.

Como ele próprio esclarece tinha “uma recordação doce e fugaz, de uma caixeira de uma loja de chapéus que cortejara com ardor, mas demasiado lentamente”.

O trabalho como produtor e produto de identidades

Gregor não se identificava com a família nem com a sociedade industrializada, capitalista do seu tempo, que dava mais valor ao “ter” do que ao “ser” refletindo-se no consumo exagerado de bens. O protagonista assumiu a missão de pagar as dívidas da família e sustentando-a financeiramente, exercendo a profissão de caixeiro-viajante, que era extremamente fatigante e não fornecia realização pessoal ou profissional, como podemos confirmar neste excerto:

“Que trabalho tão cansativo eu escolhi! Viajar dia sim, dia não. É um trabalho muito mais irritante do que o trabalho do escritório propriamente dito e ainda por cima há também o desconforto de andar sempre a viajar, preocupado com as ligações dos comboios, com a cama e com as refeições irregulares”⁽¹⁾.

Enquanto Gregor trabalhava para pagar as despesas da casa, a sua família tolerava-o, convertendo o “êxito do seu trabalho em metal sonante que depositava na mesa, diante da surpresa e a alegria da família, mas sem qualquer efusão de sentimentos”⁽¹⁾. Contudo com o passar do tempo, os pais passaram a acreditar que era obrigação dele sustentá-los. Segundo Vianna⁽¹⁸⁾ o trabalho que avilta a dignidade e que degrada a personalidade humana não contribui para a realização e construção da identidade do trabalhador, pelo contrário o

despersonifica, causando a sua alienação. Adverte ainda que “o trabalho pode dar e também pode tirar dignidade”⁽¹⁸⁾.

Não se revendo no trabalho abstrato e mecanicista que era obrigado a realizar, que não consumia apenas as suas forças, mas também o seu direito de existir desabafa “estou a passar por uma situação difícil, mas acabarei vencendo”⁽¹⁾, torna-se evidente ao leitor a intenção do protagonista em romper com o processo de hominização ansiando pela liberdade como poderemos ver neste discurso:

“Se não tivesse que me aguentar por causa dos meus pais, há muito que me teria despedido; iria ter com o meu patrão e dizer-lhe o que penso dele. Bem ainda há uma esperança; depois de ter economizado o suficiente para pagar o que os meus pais lhe devem, faço-o, com certeza. Nessa altura vou libertar-me completamente”⁽¹⁾.

O trabalho está presente nas três partes do livro, muito relacionado com as mudanças dos personagens. Para Marx, Engels⁽¹⁹⁾ o trabalho é o fundamento da vida humana, afirmando que sob determinados aspetos, o trabalho criou o próprio homem. Segundo os autores a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho. O processo teria ocorrido da necessidade de subsistência do próprio homem em manter-se vivo, adaptando-se ao meio mas principalmente promovendo transformações no meio onde vive. Desse modo o homem construiu habitações, produziu bens materiais por meio da atividade criativa e produtiva, que se caracteriza como a atividade humana fundamental - o trabalho. Esta por sua vez promove mudanças na constituição do próprio homem, desenvolvendo aptidões motoras, complexidade fonética e linguagem, transformando os órgãos dos sentidos e da perceção humana em órgãos “sociais” na sua constituição. Nas relações humanas, os sentidos em geral (visão, audição, gustação, olfato e tato), assim como o pensamento, a contemplação, os sentimentos, a vontade, ou seja as relações que estabelecem a individualidade do homem, são elaboradas por órgãos sociais por meio da apropriação da realidade objetiva. Ligado ao trabalho está sempre o desenvolvimento da fala humana⁽¹⁹⁾. Deste modo o significado social dos objetos só seria apropriado pelos indivíduos por meio das relações interpessoais com os demais elementos da sociedade.

Com a metamorfose consegue libertar-se do trabalho que o oprimia e da família que o explorava, contudo o ponto culminante da obra é atingido quando, a personagem central, sofre uma regressão da espécie, ao mesmo tempo que deixa de poder trabalhar dada a “falta de mobilidade”, deixando de ser capaz de se expressar na linguagem humana, “as palavras que pronunciava já não eram inteligíveis, já não era voz humana”⁽¹⁾. Gregor perde a capacidade da fala e da escrita e, com isso, de comunicar, sentindo em “simultâneo um abandono de qualquer reminiscência do seu passado humano”⁽¹⁾.

Mas a metamorfose de Gregor vai além da modificação física e cognitiva, embora não seja capaz de comunicar pela linguagem, exilado no seu silêncio, “na caverna nua”⁽¹⁾, os seus pensamentos, raciocínios e sentimentos continuam sendo humanos, como o gosto pela música, fazendo-o mobilizar quando ouve a irmã a tocar violino. Gregor passa também a analisar as coisas que o rodeiam com muito mais atenção.

A metamorfose do protagonista implica, desde logo, uma série de reajustamentos adotados, quer pelos pais quer pela irmã, no sentido de assegurarem o sustento da família. O pai, preparado para assumir a condição de aposentado, regressa à vida ativa, obrigado a um rejuvenescimento repentino, que se exprime não só na postura corporal mas também numa completa reenergização de toda a atividade mental e física; a mãe arranja forma de trabalhar em casa (costura) e a irmã, um emprego temporário, desistindo, pelo menos algum tempo, do sonho de estudar violino no Conservatório. Chegam, inclusive, a alugar parte da casa para arrecadar mais algum dinheiro. A família como que desabrochou para o mundo laboral criando novas identidades. Konder⁽²⁰⁾ refere que “através do trabalho, o homem não só se apropria da natureza como se afirma e expande, se desenvolve, se transforma, se cria a si mesmo”. O trabalho cria o homem e o homem cria-se a si mesmo pelo trabalho, sendo a sua humanidade resultado da própria atividade⁽¹⁹⁾.

O trabalho que edifica, que ajuda a construir uma autoimagem e uma identidade positivas, não é um trabalho alienador, coisificador, mas sim aquele em que o homem que produz a mercadoria tem mais valor do que a mercadoria produzida⁽¹⁸⁾.

Crise de identidade e violência doméstica – negligência emocional

Considera-se a família como um lugar seguro, de proteção e bem-estar, sendo a mais importante “arena” para o desenvolvimento da personalidade humana⁽⁹⁾. Segundo Parsons, Bales⁽²¹⁾ a família desempenha duas grandes funções: a socialização primária e a estabilização da personalidade. A socialização primária é caracterizada pelo processo através da qual a criança aprende as normas culturais da sociedade onde nasce. A estabilização da personalidade entende-se pelo papel desempenhado pela família na assistência emocional aos membros adultos⁽⁹⁾. Todavia a instituição familiar é também apontada como sendo uma das mais violentas. A violência pode existir no seio das relações familiares mais ainda na presença de negligência emocional ou falta de afetividade⁽¹³⁾. A violência no seio familiar é um fenómeno complexo, tornando-se assim de difícil abordagem. A complexidade manifesta-se a vários níveis desde a própria definição de violência, ao significado dado pelos autores em diferentes épocas.

A violência doméstica é definida como sendo o abuso físico de um membro da família a outro ou a outros membros⁽⁹⁾. Machado, Gonçalves⁽²²⁾ corroboram considerando violência doméstica qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo direto ou indireto, por meio de ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio, a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado ou seja crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos, idosos a viver em alojamento comum. Acrescentam ainda que os fatores contribuintes para a violência são o isolamento (geográfico, físico, afetivo e social), a fragmentação (como mal que consiste em considerar apenas uma parte menor do problema e que tem a ver com o rótulo que se confere à pessoa em concreto), o poder e o domínio ou a influência moral e religiosa.

Segundo Dias⁽⁸⁾ a família nuclear está muitas vezes associada a lugar de violência e desigualdades entre os seus membros. Na obra são descritas algumas cenas de violência a que foi sujeito Gregor como poderemos ver no excerto abaixo:

“Quando, finalmente viu a porta, pareceu-lhe que o corpo era demasiado largo para passar pela abertura. Foi então que o pai lhe deu um violento empurrão e Gregor voou até ao meio do quarto, sangrando abundantemente”⁽⁴⁾.

O problema e desconforto gerado pelo protagonista para a família resolvem-se quando Gregor Samsa morre. Numa análise sociológica, a sensação de alívio da família com a sua morte leva-nos a questionar sobre os interesses que regulam a convivência entre os seus membros. Toda a família dependia do dinheiro de Samsa para o próprio sustento. Com a sua morte ficamos com a impressão que a família só o suportava porque ele garantia um retorno prático, remuneratório dando o dinheiro que ganhava, quando não estava impossibilitado de trabalhar. Na medida em que já não é “útil”, não produzindo não serve para mais nada. Não é uma mera alusão à sociedade capitalista. Trata-se de uma forma – cruel, mas talvez verdadeira – de retratar a frieza e falta de escrúpulos do ser humano diante de situações de conflito. Quando a família passa a trabalhar e a não depender mais de Gregor os problemas resolvem-se fazendo questão de se livrar dele, como podemos confirmar no parágrafo seguinte:

“(...) quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao seu lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por cima dele. Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Uma maçã atirada sem força raspou as costas de Gregor, mas escorregou sem causar danos. Uma que logo se seguiu, pelo contrário, literalmente

penetrou nas costas dele. Gregor quis continuar-se arrastando, como se a dor, surpreendente e inacreditável, pudesse passar com a mudança de lugar; mas ele se sentia como se estivesse pregado no chão e esticou o corpo numa total confusão de todos os sentidos (...) ”⁽¹⁾.

As maçãs atiradas pelo pai ao filho demonstram toda a raiva e descontrolo em lidar com o problema. A cena não revela apenas a dor física de Samsa, ao ser atingido pelas maçãs, mas o sofrimento por não ser mais aceite pela família, que o rejeita. Gregor sente-se magoado pela repulsa dos pais à sua metamorfose. Apenas a irmã se digna a levar-lhe alimentos, mas sem qualquer gesto de afeto, mostrando por fim também repulsa e medo em relação ao irmão.

Kafka ao escolher especificamente a maçã como fruto de arremesso certamente não o fez por acaso, a sua intenção seria, facilitar ao leitor a associação do fruto específico à religião nomeadamente ao Velho Testamento, marcado pela expulsão de Adão e Eva do paraíso. Segundo Guiddens⁽⁹⁾ as religiões implicam um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou temor. Já Durkheim⁽²³⁾ afirmava que o seu interesse pela religião devia-se ao facto de apresentar vários rituais, simbologias e efeitos nos indivíduos tanto socialmente como emocionalmente. Sendo um fenómeno coletivo, introduz na vida das pessoas um “sistema de crenças e de práticas”.

A maçã que “penetrou literalmente as suas costas”, não por sua vontade, simboliza o castigo/punição que a ele estaria guardado. Será entendido como sinal de libertação face à relação que tinha com o seu pai uma vez que posteriormente Gregor morre.

“A maçã podre e a zona inflamada do dorso em torno dela quase não o incomodavam. Pensou na família com ternura e amor. A sua decisão de partir era agora mais firme”⁽¹⁾.

O protagonista “sentia-se tentado a pensar que estava ao seu alcance um alívio final para todo o sofrimento”⁽¹⁾. Através da morte consegue aquilo que tanto ansiava e a que tinha direito: à dignidade da pessoa humana e à liberdade. Direitos humanos que só viriam a ser reconhecidos em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Nesta linha de pensamento a morte de Gregor representa uma libertação para todos, principalmente para si, pois é esquecido, mas, por outro lado, a verdadeira transformação ocorrerá não com ele, mas com os outros: o pai do narrador sai da completa apatia para a atividade, a irmã sai da solidão para o convívio, a família (pai, mãe e filha) antes presa ao escuro do lar sai para o sol, para a vida, para um futuro que promete felicidade. Por mais que um sujeito imagine ser possível viver sozinho, mesmo que ele seja esquecido, os seus atos irão produzir efeitos nos outros. Essa transcendência do eu para o outro pode ganhar tanto sentido filosófico, religioso, como social.

A salvação e a transcendência eram uma questão de tempo, tinha que se investir de imediato. Uma geração investindo na salvação da próxima⁽²⁰⁾. Esse sacrifício e a sua transformação para salvar o outro, mesmo que às vezes sem se dar conta disso, aparece de forma extrema na narrativa literária conforme demonstra este trecho:

“Grete que, apesar de todos os desgostos dos últimos tempos tinham-se transformado numa bonita e esbelta jovem. O reconhecimento dessas transformações tranquilizou os pais, que quase inconscientemente, trocaram olhares de aprovação total, concluindo que se aproximava a altura de lhe arranjar um bom marido. E quando, terminado o passeio, a filha se levantou antes deles, distendendo o corpo jovem, sentiram, com isso, que aqueles novos sonhos e suas esperançosas intenções haviam de ser realizados”⁽¹⁾.

O vivo contraste entre a morte do protagonista e o amor e a adoração sentidas pela família em relação à beleza exterior, à “jovem frescura do corpo” da irmã. Assim, podemos refletir sobre qual é o real valor do ser humano perante a sociedade e até mesmo perante os seus. “O dever familiar impunha que esquecessem o desgosto e tudo suportassem com paciência”⁽¹⁾.

Em paralelo com este momento descrito na obra é o atual momento no contexto social caracterizado pelo fim de um tempo e a possibilidade de um novo começo, procura-se algo novo para definir o presente momento, diante da insatisfação sobre a indefinição do tempo atual. Vivenciamos um tempo de transição, de passagem, em que a sociedade procura novos temas e novas tarefas perante as transformações que o Ser Humano provocou na sua realidade nos últimos anos.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

As reflexões incluídas no ensaio permitem sustentar o papel da arte e da socialização enquanto processos de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulados por emoções, relações de poder e projetos identitários, numa dinâmica entre os organismos biológicos e contextos socioculturais. Desta forma, os indivíduos vão produzindo a sociedade e sendo produzidos por ela.

O livro “A Metamorfose” é um magnífico exemplo disso mesmo, explorando a solidão, os sentimentos de exclusão e as crises do homem contemporâneo, sendo uma referência da literatura universal para se abordar com profundidade os aspetos sociais. Nele estão destacadas as contradições que envolvem as relações humanas, pois quando a família descobre a transformação vivenciada por Samsa, ele passa a ser desprezível, devendo ser eliminado. A

impotência do protagonista perante ações que antes lhe eram rotineiras como sair da cama ou caminhar, faz uma alusão às fraquezas humanas diante das pressões sociais. O livro denuncia como a sociedade da época capitalista restringe o valor do ser humano ao que ele produz e às aparências, uma nítida associação do ser a um produto que pode ser substituído como uma máquina ou algo semelhante.

A obra permanece atual porque analisa temas característicos do homem pós-moderno, como a crise de identidade, o vazio existencial, a superficialidade das relações humanas, a desesperança do ser, o pessimismo, a ausência de resposta, a solidão, a impotência e a fuga. O seu paralelismo à sociedade é arrepiante de tão verdadeiro que é, expondo situações de medo e discriminação que não são enfrentadas, apenas escondidas.

Bauman⁽¹⁷⁾ e Hall⁽¹⁵⁾ situam a identidade na pós-modernidade, que Bauman⁽¹⁷⁾ denomina de modernidade líquida, na qual a fixidez dá lugar à incerteza, as identidades do passado são sobrepostas pelas possibilidades de futuro e o sujeito se caracteriza como descentramento e deslocamento permanente. Não obstante, há que se notar que os autores referidos e o próprio Kafka concebem a identidade como complexa, inacabada, resultando do processo constante de tensão entre o sujeito histórico e as condições materiais em que vive. Portanto, identidade como síntese de uma tensão dialética jamais findável.

Contudo, como esforço de síntese do que foi discutido e analisado, reconhece-se que o conceito de identidade sofre de uma certa dispersão de significado, permanecendo como desafio a todos os campos de conhecimento que se propõem a investigá-lo. Deste modo, parece-me pertinente assumir a definição de Stuart Hall⁽¹⁵⁾ que afirma não sendo possível oferecer afirmações conclusivas sobre o que é identidade, visto tratar-se de um aspeto complexo, que envolve múltiplos fatores. No entanto não podemos negar que é por meio da socialização que o indivíduo constrói e reconstrói a sua identidade⁽²⁴⁾, assumindo um papel ativo nessa construção.

Franz Kafka pretendia através da sua obra influenciar os leitores, fomentando o pensamento crítico, provocando a reflexão sobre a sociedade, sobre si próprios, sobre as suas identidades. Nada foi deixado ao acaso, o mundo imaginário e surreal que marca as suas obras, todo esse universo desconhecido e único, sendo tão cuidadoso na linguagem, nos estilos utilizados, nas descrições pormenorizadas, criando um estilo muito próprio (Kafkiano). Interferindo nos pensamentos e nas condutas dos leitores através da socialização, conseguiria a metamorfose que ele desejava para a sociedade. Agindo numa dinâmica bidirecional a arte tanto influencia a sociedade como é produto da sua influência. A dimensão social que o autor dá ao livro resume-se essencialmente ao quarto do protagonista, onde se desencadeia praticamente toda a história. Mas nem por isso a narrativa deixa de associar

a literatura como um fenómeno intrinsecamente ligado à vida social. A influência social da obra vai além dos lugares mencionados no livro. O apelo é dirigido para o contexto psicológico e social da personagem principal, que em tom de ironia o autor nos leva a ter sentimentos pelo inseto que sacrificou a sua vida para salvar a família/humanidade.

No mundo apressado em que vivemos a humanidade tem de reencontrar-se... Esta reflexão sobre a sociedade e o homem é importantíssima para os profissionais que lidam diariamente e diretamente com a vida de outras pessoas, como os enfermeiros e todos interessados na compreensão da sociedade...

REFERÊNCIAS

1. Kafka F. A Metamorfose. Matosinhos (PT). Edições Book; 2010.
2. Fischer E. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro (BR): Zahar; 1983.
3. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa (PT), Portugal: Edições Setenta; 1977.
4. Rodrigues MSP, Leopardi MT. O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros. Fortaleza (CE), Brasil: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 1999.
5. Berger P, Luckmann T. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis (BR): Vozes; 1985.
6. Wall K, Cunha V, Atalaia S. Família. In: Cardoso JL, Magalhães P, Pais JM (Eds.). Portugal Social de A a Z: temas em aberto. Lisboa (PT): Expresso/ICS; 2013; 70-78.
7. Torres AC. Casamento em Portugal: análise sociológica. Oeiras (PT): Celta Editora; 2002.
8. Dias I. Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP; 2010. Vol. XX: 245-262.
9. Giddens A. Sociologia. Lisboa (PT): Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. Av. de Berna; 2004.
10. Segalen M. Sociologia da Família. Lisboa (PT): Terramar; 2000.
11. Anshen RN. A família: sua função e destino. Lisboa (PT): Editora Meridiano Limitada; 1971.
12. Seraceno C, Naldini M. Sociologia da Família. 2.^a ed. Lisboa (PT): Editorial Estampa, Coleção: Temas de Sociologia; 2003.

13. Casimiro C. Violências na conjugalidade: a questão da simetria de gênero. *Análise Social*. 2012; XLIII (3.º), n.º 188, 579-601.
14. Singly F. *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa (PT): Edições Texto e Grafia; 2000.
15. Hall S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro (BR): DP&A Editora; 2006.
16. Mercer K. Welcome to the jungle. In: Ruttherford J, Org. *Identity*. Londres (GB): Lowrence and Wishart; 1990: 43.
17. Bauman Z. *Liquid Love*. Cambridge: Polity; 2010.
18. Vianna MT. *Direito de resistência: possibilidades de autodefesa do empregado*. São Paulo (BR): LTR; 1996: 118.
19. Marx K, Engels F. *Textos*. São Paulo (BR): Edições Sociais; 1977: Vol. III.
20. Konder L. *A derrota da dialética. A recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*; 1992.
21. Parsons T, Bales R. *Family, Socialization and Interaction Process*. The Free Press of Glencoe; 1996.
22. Machado C, Gonçalves RA. *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra (PT): Quarteto; 2003.
23. Durkheim E. *The Elementary Forms of the Religion Life*. New York (US): Free Press; 1985.
24. Dubar C. *A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, São Paulo (BR): Martins Fontes; 2005.

Correspondência: engenheiro.olivia@gmail.com